

A CRISE DA MODERNIDADE E SEUS DETERMINANTES NOS ENFRENTAMENTOS EM SALA DE AULA

¹Jussara Santana Bortoluzzi
jussarabortoluzzi@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo procura abordar alguns apontamentos em relação ao campo educacional que se defronta com mais mudanças em sua forma de atuação, pelas discussões advindas dos ideais da Modernidade que influenciaram o pensamento e a produção intelectual, bem como o comportamento social e cultural. Faz considerações em relação aos ideais da Modernidade e a dimensão dessas mudanças na conjuntura atual e seus determinantes no ambiente escolar, mas especificamente dentro da sala de aula. Supõe que há mudanças em relação aos valores até então presentes no período moderno, fazendo como referência também à pós-modernidade e sua influência na conjuntura educacional contemporânea, geradores das tensões e enfrentamentos presentes na sala de aula entre professores e alunos, fruto da mudança de paradigma, que influenciam diretamente no processo educativo.

Palavras chave: Modernidade, Pós-modernidade, Educação.

THE CRISIS OF MODERNITY AND ITS REFLECTIONS IN CLASSROOM

ABSTRACT

This article seeks to address some notes regarding the educational field who faces more changes in the way it operates, the discussions arising from the ideals of modernity that influenced the thinking and intellectual production, as well as social and cultural behavior. Raises questions in relation to the ideals of modernity and the dimension of these changes in the current situation and its determinants in the school environment, but more specifically in the classroom. Supposes that there are changes in the values previously present in the modern period, also making reference to the postmodernity and his influence on contemporary educational situation, generators of these tensions and confrontations in the classroom between teachers and students, as a result of the paradigm shift that directly influence the educational process.

Key words: Modernity, Postmodernity, Education.

¹ Pedagoga (UEPG). Especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional, Psicopedagogia e Gestão Escolar. Professora PDE.

1 INTRODUÇÃO

O cenário de um novo contexto social chamado de modernidade ou idade moderna tem seu início nos meados do século XVII com o nascimento do pensamento moderno e a ascensão de uma classe opositora ao pensamento e ao modo de produção feudal, com uma sociedade impulsionada pela racionalidade humana, pelo desenvolvimento de novas técnicas, pelo aprimoramento das artes e pelo avanço das ciências numa tentativa de despir a racionalidade humana dos mitos, credences e das superstições.

Acrediata-se que a modernidade emergiu da burguesia capitalista ante aos ideais de liberdade e no aprimoramento do método científico oriundo da revolução científica e tecnológica (Kuhn...)², onde o formalismo humano substituiu o domínio do mundo subjetivo pelo racional e material e o novo contexto se deu na supremacia das coisas sobre a palavra e imerso nesse contexto histórico, a modernidade passa a ser um processo de desencantamento do mundo em relação à organização religiosa, de tal forma que a atitude passiva e contemplativa foi cedendo lugar à atividade racional que teria avançado pelo mundo físico e social, sendo que a função que era desempenhada pela religião teria passado para a política.

O advento da modernidade sustentou o surgimento da ciência e do método científico, livre da autoridade da Igreja e das verdades reveladas, ancorado numa base humana racional, substituindo a cultura teocêntrica e metafísica, por uma cultura antropocêntrica que teve sua gênese no humanismo renascentista que provocaram mudanças no campo epistêmico e influenciaram o campo educacional, de modo que, a educação que era destinada a aperfeiçoar a conformidade do ser humano com os desígnios divinos passa a ser concebida como instrumento de emancipação e do aprimoramento da racionalidade que vai desvendar os segredos da natureza tanto humana como material.

O imaginário de uma sociedade ideal que tivesse como prioridade o bem estar do sujeito amparado por instituições socio-políticas e econômicas que fossem comprometidas com a coletividade, foi a mola propulsora do pensamento moderno que vinha a se contrapor com todo pensamento arcaico, e buscava na medida em que se libertava do discurso da religião e da tradição eleger como verdade o método científico de forma que a razão foi a substituta da fé.

² Ver Tomas Kuhn...A estrutura das Revoluções Científicas.

Entretanto a crise da modernidade se deu quando o sonho de um mundo melhor não se revelou como verdadeiro, pois nem todas as pessoas puderam pagar o preço do avanço e novamente mergulhou-se na exclusão social.

A busca incessante pelo culto exacerbado da razão provoca um desequilíbrio nas relações humanas fazendo com que as pessoas buscassem o sucesso independente da condição do outro, de forma individualista, provocando uma ruptura com o pensamento da coletividade e do bem-estar social.

De fato, o progresso científico e o desenvolvimento tecnológico provocou duas vias de acesso, de forma que ao mesmo tempo em que tornou o mundo melhor, trouxe consigo as guerras que traumatizaram as pessoas causando um desconforto social fator determinante para o surgimento de movimentos antimodernos.

Dessa forma, mudanças se se instalaram e deflagraram uma crítica ao racionalismo científico que na ânsia de libertar-se das influências dos mitos e superstições afasta o homem da natureza e da razão, colocando em xeque os princípios da modernidade. Filósofos como Nietzsche e Heidegger, neste sentido, afirmam que a preocupação humana com a ciência e a razão afetou a compreensão de que as pessoas são sujeitos inacabados e que, portanto, necessitam construir a sua identidade. Sendo assim, somente o saber racional não pode delimitar o presente e o futuro das pessoas, pois nem todo conhecimento se dá pela razão.

A suposta crise da modernidade traz consigo inúmeras críticas no que tange a ciência e seu significado para a humanidade, uma vez que magníficas descobertas científicas foram usadas de formas errôneas e desencadearam sentimentos de decepção frente aos ideários de emancipação propugnados pela modernidade fazendo emergir um sentimento de desconfiança em relação à razão que por meio do progresso científico acabou impulsionando a exclusão humana e a destruição pelas guerras.

Uma vez que o ideário da modernidade teve seus pilares abalados, instaura-se uma nova conjuntura social, que emerge principalmente nas áreas das ciências e no campo artístico.

Constata-se que um dos grandes desafios contemporâneos está na compreensão do curso da História que sustenta o debate sobre os paradigmas em que está imerso o contexto social, político, econômico e cultural e que configura novas formas de expressar o pensamento, as ações e as resistências frente às políticas neoliberais.

Dessa forma, Pourtois e Desmet (1999, p. 23), fazem suas declarações sobre a modernidade, afirmando:

É uma difusão dos produtos da atividade racional, científica, tecnológica, administrativa. Ela rejeita a idéia de organizar-se e agir conforme uma revelação divina, como antes. Portanto, rompe com o finalismo religioso. É o triunfo da razão em todos os campos: a ciência e suas aplicações, a vida social, a educação, a justiça, a economia..., por ser a idéia de criar uma sociedade racional. Em outros termos, a modernidade se define por ser a separação entre o mundo objetivo, criado pela razão, e mundo da subjetividade, centrado na pessoa.

Os antagonismos entre as posições modernas e pós-modernas que sustentam as posições paradigmáticas causam rupturas e desordens no contexto social contemporâneo marcado pela pauperização e exclusão e ao lado dessas mudanças sociais cabe examinar a educação à luz dessas transformações, pois o ato educativo resulta das influências sociais, culturais, econômicas e político-ideológicas.

Na perspectiva Kuhniana no período de revolução científica paradigmas diferentes competem entre si e a renúncia pela comunidade científica só acontece quando um paradigma é substituído por outro.

Para que um novo paradigma consiga se sobrepor a outro, necessita que cientistas por meio de suas pesquisas, consigam aperfeiçoá-lo a ponto de responder aos problemas da crise. A crise do paradigma anterior, nesse caso, é importante, porque influenciará os cientistas a adotarem o novo paradigma. Neste sentido, a mudança de paradigma leva os cientistas a verem o mundo de outra forma.

O novo paradigma científico, tido como pós-modernidade é anunciador de rupturas e transformações significativas para o ideário moderno. Goergen (2001,p.5) citando o pensamento de Nietzsche, Heidegger, Adorno, Horkheimer e Foucault volta a afirmar que a modernidade é como um desencantamento do mundo e a pós-modernidade configura-se assim, como uma nova fase da história que substitui a modernidade.

São várias as tensões acumuladas ao considerar as críticas dos pós-modernos em relação a razão, pois abre-se com frontalidade o debate a afirmação de que a modernidade transformou o ideal da formação do cidadão, emancipado e livre em cidadão submisso à ordem burguesa e aos seus interesses, dispostos a aceitar as regras do mercado em qualquer de suas condições determinantes.

O universo da pós-modernidade se descortina diante da fragmentação da modernidade e ao fazer uso do discurso de Levinas, Goergen (2001, p. 63) afirma que “a essência da pós-modernidade é não ter essência e sua identidade é carecer de identidade”, deixando transparecer a contradição existente no discurso pós-moderno.

A modernidade caracterizou-se pela racionalização, rejeitando a noção de sujeito e de sua subjetividade, de forma que as práticas educativas foram pautadas na aprendizagem do pensamento racional, valorização da fragmentação e rigidez de horários, evidenciada, por exemplo no cenário da educação com os preceitos de ordem, disciplina e resistência a qualquer manifestação de desejo, bem ao gosto também dos postulados positivistas de ordem e progresso.

Sendo assim, vale ressaltar que mesmo estando a sociedade em contínuas transformações, a escola sendo um elemento desta sociedade, também não está imune ao processo de mudança. É preciso saber lidar com estas transformações para não se perder o eixo essencial da educação que é a construção de sujeitos históricos e éticos, pois a escola está continuamente numa vivência de conflitos de valores, do novo e do antigo, do surgimento de novos métodos educativos e de novas teorias.

2 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

A complexidade dos paradigmas contemporâneos com suas controvérsias que marcam o campo da ética, da ciência e da educação, corrobora para a análise do contexto atual no qual a educação está inserida.

No final da Idade Média houve mudanças no campo filosófico, uma vez que os pensamentos filosóficos influenciaram o início da educação moderna, com o advento do capitalismo. Ao abordar a modernidade e o pensamento moderno considera-se os avanços que ocorreram, principalmente a partir da criação do método científico que preconizava a substituição da fé pela razão e pela ciência.

Segundo Goergen, (2001, p.11):

Na modernidade o homem se conscientiza de suas capacidades racionais para o desvendamento dos segredos da natureza e busca empregá-las no sentido de encontrar soluções para seus problemas. Substitui uma cultura teocêntrica e metafísica, dependente da verdade revelada e da autoridade da Igreja, por uma cultura antropocêntrica e secular.

Na Idade Moderna, a partir do século XVII, com a crescente industrialização surge o conceito de escolarização e a escola passou a ter seu funcionamento em espaços apropriados e com uma organização do trabalho estruturado em programas com avaliação de desempenho do aluno e separado por faixa etária a partir de uma orientação do desenvolvimento individual do aluno. Essa mudança, entretanto, era intencional, pois

visou a maximização da produtividade do processo ensino-aprendizagem dentro de uma filosofia caracteristicamente fabril.

A partir deste século, surgem as primeiras escolas para as classes populares instigados pelo discurso dos pensadores iluministas, pois até esse momento a democratização da educação não era prioridade. O movimento iluminista procurou libertar o pensamento da repressão monárquica e do clero fundamentando a noção de liberdade, defendendo uma educação que fosse laica e gratuita para todos inspirada nos princípios da democracia, onde o controle da educação passasse para o Estado. Contudo somente no século XVIII é que acontece a obrigatoriedade escolar, quando o controle da educação passa efetivamente, das mãos da Igreja para o Estado.

As noções de modernidade naquele tempo possuíam uma estrutura rigorosamente objetiva ancorada na razão, no domínio da técnica e no progresso, que sustentava uma confiança absoluta na razão instrumental científica.

Ao longo do tempo a modernidade começou a ser questionada, pois embora seja caracterizada como a época de valorização e crenças nas noções de verdade, razão e objetividade, fé no progresso científico e na emancipação universal ela não cumpriu o papel a que se propusera, possibilitando o surgimento de várias contradições, que em sua gênese sustentam o discurso da pós-modernidade. Portanto a pós-modernidade não é substituta da modernidade. Elas coexistem e são modelos diferentes de sociedade e de mundo.

O Teórico Lyotard utilizou o termo pós-modernidade, para sistematizar um novo modelo de pensar afirmando que a modernidade entrou em crise e causou uma série de rupturas com a tradição realista europeia nos idos do século XIX e assim entram em descrédito muitos valores e ideais que até então orientavam a vida humana.

O paradigma pós-moderno não significa decadência ou renascimento cultural, mas é, de fato, ancorado na contradição, no niilismo³, no hedonismo, no efêmero, no consumismo e no individualismo exacerbado. Pode-se afirmar que um mundo consubstanciado pelo consumismo, pelo *status* que algo representa, pelo poder sustentado pelo sistema econômico; são características típicas de uma sociedade pós-industrial baseada na informação, na tecnologia e na automação.

O paradigma pós-moderno tem como ancoradouro o consumo e a produção, de modo que o sujeito é bombardeado por um turbilhão de informações midiáticas e nesse

³ Nihilismo é entendido como ausência de valores.

percurso acaba se despolitizando perdendo a sua capacidade de reflexão em relação aos grandes temas sociais, econômicos ou políticos.

Há uma desconstrução do discurso filosófico ocidental, associado a idéia de decadência das grandes verdades, metanarrativas⁴, valores, família, negação do absoluto tendo como mote o niilismo. A tecnociência invade o cotidiano das pessoas gerando situações de consumismo, forte influxo na formação das pessoas da indústria cultural, que pode causar um efeito maléfico, diluidor nos seres humanos. A decadência em muitas civilizações, das instituições tidas como sólidas que já não orientam mais a vida das pessoas, entre elas a família e a escola e a derrocada dos valores que foram trocados por modismos, como a liberação sexual, a educação permissiva, a busca pelo efêmero, pelo narcisismo, pelo hedonismo e pelo hiper-realismo da mídia, poder tornar o sujeito sincrético, de natureza confusa, indefinida, descartável e fragmentado.

A educação desempenha um papel importante neste contexto, pois pode tentar reproduzir ou tentar transformar a realidade que se apresenta, pois a formação de massa se dá por meio da escola e da mídia.

Para a pós-modernidade, apenas o presente conta, não há perspectiva de futuro e sim uma deserção do passado e da história, do político, do ideológico, do trabalho, da família e da religião; o sujeito pós-moderno é indiferente à política, não crê no valor moral nem na realização pessoal relacionada ao trabalho. Todas essas questões situam a pós-modernidade, como um momento de reação da cultura ao modo como foram desenvolvidos historicamente os ideais da Modernidade.

O paradigma pós-moderno não possui uma identidade própria e se fundamenta na negação da modernidade, negando alguns de seus pressupostos e desencadeando a estruturação de novos discursos, que se sustentam na falta de referências concretas e sólidas para o sujeito o que pode acarretar em uma crise de identidade cultural e o apagamento do sujeito.

Dessa forma, na visão dos teóricos que debatem a pós-modernidade a educação deve valorizar o que é imediato, priorizar os objetivos e não a finalidade e estruturada em uma escola autônoma, ousada e multicultural que busca dialogar com as diversas culturas e concepções de mundo.

⁴ Metanarrativa é definida por Lyotard como uma grande narrativa com função de legitimação. (Lyotard, 2002)

3 SALA DE AULA E SEUS ENFRENTAMENTOS

Um debate aprofundado sobre o agir pedagógico se faz urgente, pois as mudanças estão presentes em nosso cotidiano e estão se realizando em diversos níveis e campos do conhecimento humano.

Vislumbrando o cotidiano escolar, um sentimento de angústia toma conta dos educadores e o diálogo na escola, entre professor e aluno, tornam-se tensos e estampam um panorama de incertezas.

Muitas são as queixas em relação ao alunado que frequenta os bancos escolares, pois segundo os professores, estes não veem uma relação entre o seu futuro e o conhecimento apreendido. Para muitos alunos a escola é lugar de encontros, lazer e brincadeiras e quando se fala em aprendizagem, estudo e conhecimento há um distanciamento entre as expectativas dos professores e do alunado.

Estas apreensões, geradas por inúmeras tensões são vivenciadas pelos docentes estabelecendo na escola um mal-estar que é um dos reflexos da sociedade onde a escola está inserida.

Há na escola, por vezes, um desencontro e um distanciamento entre professor e aluno, que pode desencadear um clima de cansaço e frustração. Uma das causas para tal, pode ser a das dificuldades dos docentes em acompanhar as mudanças dos alunos e portanto, buscarem construir um sentido comum para a escola. Esses percalços geram inúmeras reclamações por parte dos professores, como: os alunos não respeitam o professor, os alunos não querem estudar, que adianta planejar uma boa aula se os alunos não estão interessados.

Diante dessas angústias expressas pelos professores, as salas de aulas, em muitos casos, passam a ser um campo fértil de enfrentamento entre professor e aluno e dessa forma as práticas autoritárias adotadas pelo docente surgem como uma tentativa de resolver os impasses que ocorrem no ambiente escolar, de forma que o turbulento cotidiano escolar seja silenciado.

Vale ressaltar que, muitos problemas do cotidiano escolar aparecem como efeito de políticas que promovem um processo de sucateamento do ensino público, diante da desvalorização da figura do professor, dos baixos salários, dos modelos de gestão escolar autoritários que seguem a lógica da fragmentação, do tarefismo e da fragilidade pedagógica.

Vislumbrando uma conjuntura social, regada pela política neoliberal da promoção do estado mínimo que desestabiliza as relações sociais e rouba a dignidade dos sujeitos enquanto cidadão, há uma fragilização dos laços familiares, uma vez que a família necessita sobreviver as instabilidades de uma sociedade multifacetadas e desafiadoras.

Há mudanças comportamentais na vida dos jovens, que tem seu dia a dia é minado com o bombardeio de informações que modificam desde hábitos sexuais e alimentares até a construção de estilos de vida, os sentimentos de segurança são substituídos por incertezas que levam o descrédito em relação ao futuro tornando o jovem uma pessoa imediatista, vivendo numa sociedade do “descartável”.

Na esteira desse processo a própria instituição escolar vê seus alicerces abalados pela fluidez da pós-modernidade, pois a sala de aula que é uma criação da modernidade reproduz o contexto social e sem o alicerce das instâncias tradicionais. Sendo assim, os professores passam a depender do apoio do discurso dos familiares e da sociedade para sustentar suas práticas.

Dessa forma, os professores se deparam com alunos que no lugar de comportamentos que pudessem facilitar o desenvolvimento de relações pedagógicas que valorizassem a aprendizagem, deparam-se com condutas difíceis e resistentes ao controle e disciplinamentos.

Há no universo do ambiente da sala de aula o enfrentamento de duas posturas opostas: por um lado a a discursividade moderna, da qual a maior parte dos docentes são herdeiros e a discursividade pós-moderna que permeia a identidade da maioria dos alunos.

Dessa forma, os alunos trazem para a sala de aula novas demandas baseadas no imediatismo, na busca do prazer e na intencionalidade de viver o momento presente, desprezando o futuro, rejeitando os modelos pré-estabelecidos, as verdades absolutas, buscando respostas para suas vidas no discurso grupal e passando o tempo entregue à internet, à televisão e a todo tipo de bombardeio midiático.

Os sintomas resultantes são ausência dos sentidos dos conteúdos escolares, desinteresse manifesto pela prática pedagógica dos professores e seus objetivos, a reinvenção do espaço da sala de aula para brincadeiras e a resistência à figura do professor e às salas de aulas que ainda estão organizadas em torno do ideário de uma outra forma escolar, especialmente aquelas formadas por adolescente, acabam se tornando, muitas vezes, um lugar de conflito em vez de um espaço de aprendizagem.

Sendo assim, deve-se ter um olhar mais profundo em relação às transformações culturais sociais e valorativas, a fim de perceber as mudanças nas formas de viver e de ser e de se comportar dos alunos, pois muitos professores se surpreendem ao se aproximar da vida dos alunos e se espantam com o quanto ainda desconhecem a realidade que os cerca.

As condições econômicas, políticas e sociais marcam o sentido social e político da educação, uma vez que conhecimento e aprendizagem implicam em formas de convivência, de visão do mundo, de cultura e dos valores.

As condutas dos alunos obrigam a escola a tentar saídas e intervenções coletivas buscando outros olhares e reconhecendo as suas condições dos professores e dos alunos como sujeitos de direito e embora a escola seja regida pela lógica disciplinar, tratar pedagogicamente a construção de um tecido de relações e de convívios se torna dever por parte de toda comunidade educativa.

Os alunos necessitam ter seu espaço dentro da escola e para isso, a escola deve ser pensada como um espaço sociocultural e não de socialização adestradora e segregadora, pois a escola não existe sem os educandos; é deles que se fala nas reuniões, nos recreios, nos conselhos; são eles o motivo dos ânimos e desânimos, anseios e medos.

Dessa forma, os professores questionam que os alunos não são mais os mesmos e está pode ser a causa de tantas inquietações, pois se os alunos não são mais os mesmos, se os padrões morais, sociais, éticos mudaram; as instituições e entre elas está a escola, também precisam aperfeiçoar seus conhecimentos.

Mas os professores também necessitam ter seus anseios aliviados, uma vez que o ato de ensinar e aprender implica na congruência entre professor e aluno, ou seja, no processo ensino aprendizagem está sempre presente de forma direta ou indireta o relacionamento humano.

O fato é que os sujeitos das escolas mudaram e as escolas vivem impasses antes não vividos pois esse ambiente educativo. Ela é sem dúvida, uma representação do social, os conflitos vividos dentro dos lares e na vida em sociedade que ultrapassam a fronteira dos muros da escola tornando as salas de aula, muitas vezes, inadministráveis.

A pós-modernidade trouxe novas formas de relações, novas formas de produção e consumo, possibilitando uma degradação cultural onde as pessoas se deixam levar por estímulos midiáticos e simplistas e por uma educação deficitária gerenciada pela ótica

do lucro imediato e da comercialização das relações culturais que se tornam objetos consumíveis e descartáveis.

A escola muitas vezes acaba por reproduzir o contexto social por meio de condicionantes que refletem nas práticas pedagógicas. A falta de condições adequadas para o exercício da docência, uma educação acadêmica desprovida do senso crítico, a massificação do aluno despojando-o de tudo o que é singular para torná-lo igual aos demais, muitas vezes promove a facilitação dos conteúdos e o barateamento do conhecimento, levando a supressão da disciplina intelectual necessária ao aluno para que possa adquirir novos patamares cognitivos causando uma estagnação intelectual e dessa forma suprimindo as forças criativas que ficam cristalizadas, para que viva ao serviço da realização plena da ordem estabelecida.

O projeto de modernidade parece ter esgotado suas possibilidades de enfrentamento dos desafios e problemas do mundo e da humanidade. Toda ciência e tecnologia disponíveis não conseguem dar conta dos conflitos, sofrimentos e impasses.

A escola como instuição de destaque na organização social, com o advento do capitalismo, passou a ser instrumento imprescindível para o funcionamento da sociedade. Foi remodelada na modernidade sob a égide da disciplina, ou seja modelar mentes e corpos para as demandas do capitalismo sendo que nos dias atuais vive com frustração o que antes produzia para a sociedade, disciplina e submissão.

Para o capitalismo baseado na produção fabril, da acumulação e concentração de riqueza e mão-de-obra, tal lógica atendia as necessidades do momento. Mas, tais necessidades mudaram e a organização da sociedade contemporânea não necessita de sujeitos sob a lógica da disciplina e “docilização”, conforme denuncia LaTaille (2006, p.30):

A sociedade hoje não funciona mais sob a lógica do confinamento, a concentração, a associação, da manutenção do sujeito em cercados geográficos e psicossociais e nem mesmo sob a lógica da disciplina, entendida como uma “docilização” obtida a través de uma vigilância direta exercida mediante o olhar próximo do outro e de medidas coercitivas e representativas. Funcionaria, isto sim, sob a lógica de desconfinamento, de dispersão, de retirada do sujeito de espaços fechados e de sua colocação em espaços abertos.

Nessa nova lógica, os laços afetivos se afrouxam, ocorre a flexibilização da economia, o aumento da ânsia pelo consumo, pelo ter em detrimento do ser e assim, impacta o comportamento dos sujeitos com a abreviação das relações afetivas, e o

fortalecimento das desigualdades sociais e do mundo do trabalho. A modernidade está em crise, dilui-se as fronteiras e limites, acelera-se o tempo e amplia-se as possibilidades de formar um sujeito individualizado, distante capaz de executar movimentos com autonomia e auto-suficiência, ajustando-se rapidamente as novas exigências do mercado, sendo mais produtivo e interessantes para o capitalismo atual.

Segundo La Taille (2006, p.33),

A sociedade não requer mais aquele sujeito reto, parado, coerente, previsível, controlado, comedido, estável, persistente, organizado, uno, indivisível...Requer, ao contrário, um sujeito plástico, flexível, criativo, fragmentado, múltiplo, difuso, impulsivo, intempestivo, incontrolável e aventureiro. Um sujeito que possa transitar entre um lugar e outro, de um sentimento a outro, de um produto a outro, migrando também internamente, percorrendo todos os seus espaços interiores, alargando o máximo possível suas possibilidades afetivas, cognitivas e executivas acelerando ao extremo o ritmo de seu funcionamento.

A escola, portanto, é um dos lugares onde se encontram as tensões e os problemas sociais, econômicos, éticos, culturais e no qual as subjetivações das condições vividas nos tempos atuais acontecem de forma intensa, refletindo nas relações entre professor e aluno dentro da sala de aula. Os enfrentamentos que acontecem no interior do ambiente nada mais são, que reflexos das condições sociais vividas pelos sujeitos que compõe a escola e fazem parte da sociedade contemporânea.

O momento é desafiante, pois a relação entre professor e aluno exige que aceleremos o ritmo e tomemos o passo da realidade sócio-cultural que se vivencia na atualidade e seja como for, a escola tal como está estruturada enfrenta sérios obstáculos para tratar as demandas desse sujeito contemporâneo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto que na escola coabitam sujeitos históricos diferentes que vão em busca do conhecimento científico vivendo solidariamente num espaço e tempo determinado, o papel da instituição de ensino seria levar o sujeito a atuar na sociedade tendo plena consciência de seus direitos e deveres de cidadão assumindo as responsabilidades de suas ações. Sendo assim, a escola desempenha um papel importante na preparação dos sujeitos para que possam assumir sua posição na sociedade e a sua realização pessoal enquanto agentes de transformação.

Dessa forma, a instituição escolar propicia a construção de valores democráticos que viabilizem mudanças na formação dos sujeitos.

Entretanto, há um longo e árduo caminho a ser trilhado na busca de um ensino que esteja em consonância com os anseios da sociedade contemporânea e para que a escola cumpra com a sua função social, pois na relação ensino-aprendizagem, principalmente na sala de aula muitas vezes, se estabelece uma situação polêmica, que seria o conflito de idéias e ideais.

Ao abordar a dinâmica da instituição escolar e mais propriamente da sala de aula, surge a necessidade de reflexão sobre o relacionamento entre aluno e professor.

O papel do professor no processo de construção do conhecimento é de suma importância, uma vez que no contexto atual, o aluno deveria ser preparado para ser sujeito de transformação social e a sala de aula deveria ser um espaço privilegiado de aprendizagem e formação para a cidadania.

Mas, no decorrer dos anos a cultura escolar sofreu influência de fatores decorrentes das condições sócio-culturais, econômicas e tecnológicas que trouxeram para o universo escolar, novos costumes e uma linguagem diversificada entre os sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem que muitas vezes acabam dificultando as relações sociais produzidas no âmbito escolar.

Instalou-se um mal-estar nas escolas que se agrava ano após ano com as mudanças que ocorreram, fruto do resultado dos conflitos existentes em sala de aula na relação professor e aluno e que muitas vezes são prejudiciais a aprendizagem.

De acordo com estudos recentes, as transformações sociais causadas pela flexibilização da economia, pelo desenvolvimento tecnológico, pela globalização e pelas incertezas no campo científico e moral, acarretam dúvidas e insegurança na convivência social e novos valores que norteiam a cultura acaba gerando um mal-estar psicológico e social nos sujeitos.

Nesse contexto, a ética, os valores e as relações interpessoais também são abalados pela incerteza e pela insegurança de vínculos humanos transitórios e frágeis que não se solidificam devido à ruptura dos referenciais que outrora alicerçavam a vida cotidiana das pessoas.

Na sociedade atual o individualismo e o narcisismo imperam e a consciência moral do sujeito é restrita ao seu “eu” individual. Valores que não vem de encontro com o prazer são negados, pois o que vale é a satisfação imediata em função de se curtir a vida, não importando os limites de si próprio e dos outros.

E é dentro desse contexto que a escola esta inserida sofrendo influência dos reflexos sociais que afetam o seu cotidiano principalmente nos aspectos relacionados à convivência, a abordagem do conhecimento, a organização da escola e a prática docente. Os alunos chegam à escola com uma bagagem de experiência advindas das novas configurações familiares pautadas na permissividade e no relativismo moral.

A escola já não é mais vista como o único espaço de transmissão de conhecimento, pois os educandos tem acesso há outros meios de informação e comunicação e a sala de aula torna-se um ambiente de difícil convivência, pois os alunos não estão desmotivados e falta interesse o que leva o professor à uma crise de identidade profissional e ao mal-estar docente que reflete-se em esgotamento físico e mental, estresse e depressão.

Sendo assim, a escola foi tomada por um clima de incertezas que só poderia ter como resultado o enfrentamento entre professores e alunos, uma vez que são herdeiros de uma diversidade paradigmática e protagonistas da ação escolar.

As considerações tecidas engendram para uma reflexão sobre a problemática gerada pela nova ordem social que remete para mudanças na prática docente que devem estar vinculadas as inovações, as tecnologias, ao trabalho colaborativo. Tanto o professor quanto o aluno devem desenvolver sentimentos de pertencimento à instituição escolar a qual estão vinculados e de respeito mútuo para amenizar os conflitos que surgem em função da convivência escolar.

A cultura escolar deverá se configurar nas práticas inovadoras e na busca de alternativas para mudanças na organização das práticas pedagógicas e na construção das normas de convivência.

Vale ressaltar que o alunado também é fruto de uma geração que tem sua origem na sociedade pós-moderna e possuem características culturais e valores diferentes e portanto toda essa diversidade desemboca na sala de aula dentro de um espaço restrito onde são confinados alunos acostumados a liberdade de um lugar para outro em seu espaço social.

Dessa forma, por meio da reflexão com a comunidade escolar é possível a busca de alternativas para amenizar os problemas enfrentados, uma vez que a solução não é imediata e só poderá ser amenizada por uma relação baseada no diálogo, no respeito mútuo e na superação das contradições sociais.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Malu. **Pós-modernidade & Ciência: por uma história escatológica?** Campinas, São Paulo: Alínea, 2003.
- ARROYO, Miguel G. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester (org.). **Educação e cidadania: quem educa o cidadão.** São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis, RJ:Vozes, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FREITAS, Carlos Luiz de. **Uma Pós-modernidade de Libertação: reconstruindo as esperanças.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.
- GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna.** 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- LA TAILLE, Yves de et al. **Indisciplina/disciplina: ética, moral a ação do professor.** Porto Alegre: Mediação, 2005.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** São Paulo: José Olympio, 2002.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- POURTOIS, Jean-Pierre e DESMET, Foguete. **A Educação Pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- SAVIANI, Dermeval. **Histórias das Idéias Pedagógicas no Brasil.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.